



Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq)

No texto “Como as línguas nascem e morrem”, você viu que as línguas pertencem a famílias, sendo que o Português faz parte da família das línguas românicas, que por sua vez descendem do Latim, que por sua vez descende do Indoeuropeu. Ótimo, já temos uma árvore genealógica!

Para saber como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa, precisaremos em primeiro lugar entender o que é a Europa Latina.

Índice:

1. Formação da Europa Latina (390 a.C. – 124 d.C)
2. Como foi que os romanos invadiram a Península Ibérica? (197 a.C. – 400 d.C.)
3. Diz aí, como era mesmo esse Latim Vulgar?
4. Preparando o cenário para a formação do Português
 - 4.1 O período do Romance (600-1000).
 - 4.2 România Ocidental, România Oriental, formação das línguas românicas
 - 4.3 Povos pré-romanos na Península Ibérica
 - 4.4 Povos pós-romanos que invadiram a Península Ibérica
 - 4.4.1 Os germanos
 - 4.4.2 Os árabes
5. Que consequências houve na invasão árabe da península e a formação do Português? Por que eu tenho de pensar nisto?
6. Português Arcaico: a primeira variedade de Português que se ouviu no mundo
 - 6.1 Primeira fase do Português Arcaico: o Galego-Português (1100-1350)
 - 6.2 Segunda fase do Português Arcaico (1380-1540)
7. Quando ocorreu o reconhecimento do Português como uma nova língua?
8. Primeiras Gramáticas do Português
9. Principais dicionários do Português
10. Mas como era mesmo esse Português Arcaico?
11. Amostras do Português Arcaico
12. Novas Perguntas
13. Bibliografia para aprofundamento
14. Glossário



1. Formação da Europa Latina (390 a.C. – 124 d.C)

Pra começo de conversa, você sabia que existe a América Latina, mas sabia também que existe uma Europa Latina? Pois é, além de América Latina também existe uma Europa Latina. É isso mesmo, só que ao contrário. É porque existiu uma Europa Latina que temos hoje uma América Latina, onde se falam o Português, o Espanhol e o Francês, trazidos pelos colonizadores.

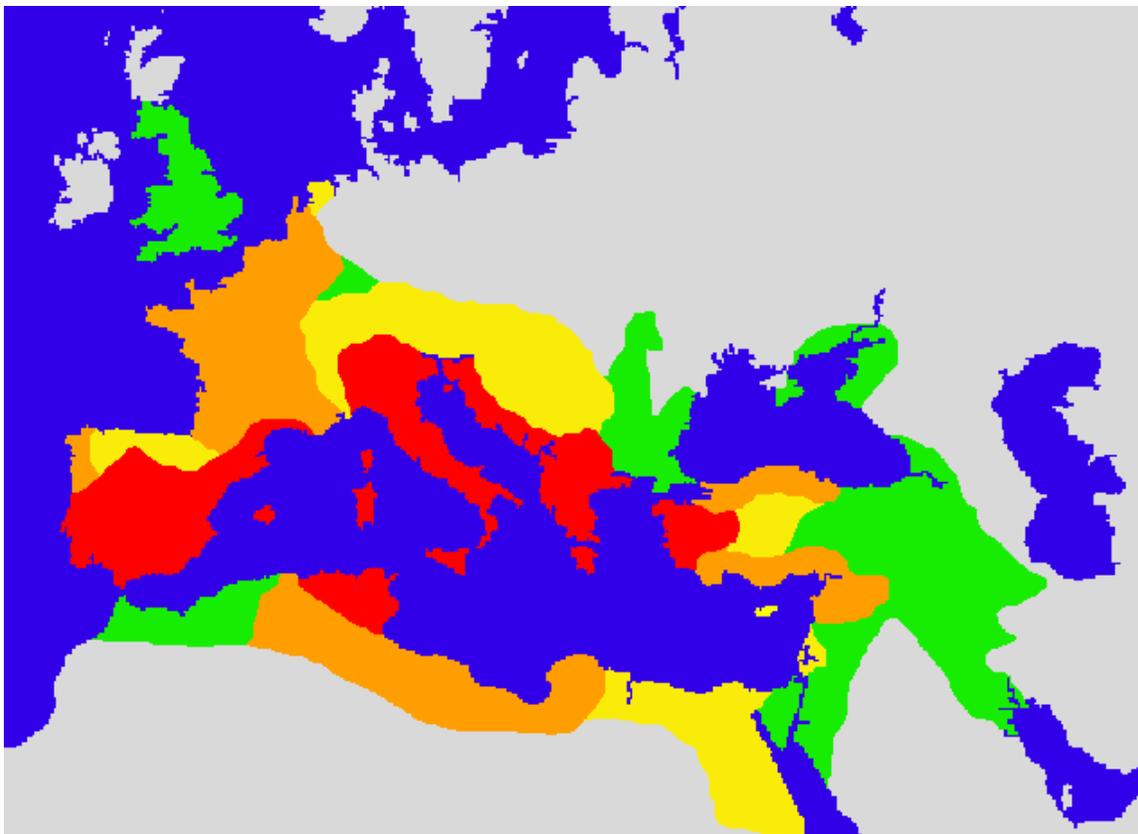
A Europa Latina é a parte europeia do que sobrou do Império Romano. O Império Romano desapareceu enquanto organização política e administrativa, mas sua cultura continua viva, sendo cultivada, por exemplo, aqui no Brasil! Daí a importância em conhecer a Europa Latina.

Vamos sintetizar no próximo quadro a formação de Roma, as conquistas romanas e a latinização de grande parte da Europa.

Expansão de Roma e formação da Europa Latina

753 a.C.	Fundação de Roma no monte Palatino, e o rapto das Sabinas
616-509 a.C.	Os reis etruscos organizam o Reino dos Tarquínios. Constrói-se a Cloaca Máxima, para drenar os pântanos em que se fundara Roma.
509 a.C.	Expulsão de Tarquínio e nascimento da República.
390 a.C.	Invasão dos Gauleses, que queimam Roma mas são expulsos.
312 a. C.	Construção da primeira estrada romana, a Via Ápia, que liga Roma a Cápuia.
241 – 238 a.C.	Conquista da Sicília, Sardenha e Córsega, transformadas em províncias romanas
197 a.C.	Conquista da Península Ibérica
191 a.C.	Conquista da Gália Cisalpina, no norte da Itália.
167 a.C.	Conquista da Ilíria, na costa setentrional do Adriático.
148-146 a.C.	Conquista da Macedônia e da Grécia
146 a.C.	Primeiras expedições enviadas à África, na Tunísia.
120 a.C.	Conquista da Gália Transalpina, que passou a chamar Prouincia Narbonensis.
58 a 50 a.C.	Conquista da Gália Setentrional.
15 a.C.	Conquista da Récia (Grisões, Tirol, Lombardia).
43 a 49 d.C.	Primeira expedição à Inglaterra.
106-124 d.C.	Conquista da Dácia, atual Romênia.

A formação da Europa Latina foi o primeiro passo para o surgimento de dois grandes grupos lingüísticos na chamada România Velha*, a saber, as línguas românicas orientais e as línguas românicas ocidentais.



Este mapa mostra como se deu a formação do Império Romano, e aqui nos interessam apenas os territórios da Europa.

Para entender como o Império Romano foi sendo construído, leia esse mapa assim:

- Vermelho: 133 a. C.
- Laranja: 44 a.C.
- Amarelo: 14 d. C.
- Verde: 117 d.C.



Vejamos agora como a invasão romana da Península Ibérica teve como um de seus resultados a formação da Língua Portuguesa.

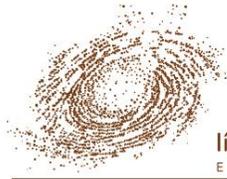
2. Como foi que os romanos invadiram a Península Ibérica? (197 a.C. – 400 d.C.)

Os romanos invadiram a Península Ibérica entre 197 antes de Cristo e 400 depois de Cristo. Quem diria, dois mil anos mais tarde, nós aqui no Brasil estamos falando uma língua latina! Quando os romanos conquistaram a Península Ibérica eles atiraram (lanças e flechas) no que viam (os coitados dos ibéricos) e acertaram no que não viam (os povos da América Latina).

Será que os romanos tinham isso em mente? Claro que não, Zezinho, eles nem sabiam que existiam terras do outro lado do “mar oceano”, muito além do mundo mediterrâneo onde eles passearam suas hostes e suas frotas de comércio.

Mas enfim, o que levou os romanos a invadirem a Península Ibérica foi uma razão tão simples quanto antiga: a ambição humana.

Uma resposta mais precisa nos fará viajar para Cartago, cidade localizada no norte da África, atualmente Túnis. Já ouviu falar nas Guerras Púnicas? Pois é, os romanos precisaram de três delas para acabar com o poderio dos cartagineses, povo descendente dos fenícios, que tinham instalado sua matriz em Cartago, e que concorriam com os Romanos nas rotas comerciais do Mediterrâneo. Então por que essas guerras foram chamadas “púnicas”? Porque *fenício* em grego é *phóinikos*, palavras que os romanos adaptaram para *púnico*. Você já sabe que o Latim Vulgar importou muitas palavras do Grego; *phóinikos* foi mais uma delas.



O fato é que os cartagineses / púnicos tinham dominado a bacia mediterrânea, comprando e vendendo produtos em sua rede de filiais ali instaladas, além de fabricarem eles mesmos tecidos e outras mercadorias.

Eles tinham conquistado uma parte da Península Ibérica, de onde extraíam prata. Derrotados pelos romanos em sua cidade-matriz, estes foram atrás de suas possessões, e foi assim que a Península Ibérica entrou na dança. Quem diria que o interesse pela prata e pela rede comercial criada pelos cartagineses daria nascimento, bem mais tarde, ao Português, hein? Roma, a primeira potência globalizada do Ocidente, à medida que estirava seus músculos pelo mundo então conhecido, implantava o Latim. Sem saber, plantava também uma rede lingüística muito importante, a Rede Línguas Românicas SA.

A invasão romana começou no séc. II a.C – curiosamente, antes mesmo que eles tomassem a Gália Cisalpina, sua vizinha, o que só ocorreria no séc. I a.C.

Foram necessários dois séculos para que a ocupação da Ibéria se completasse. A penetração romana na Ibéria se deu em duas direções: o primeiro desembarque ocorreu em 218 a.C., onde hoje é a Catalunha. O segundo desembarque ocorreu no sul, na altura de Gibraltar, então chamado “Colunas de Hércules”.

O sul da Península foi rapidamente submetido, mas o norte e o centro permaneceram por muito tempo na mão dos antigos donos do negócio. O norte foi particularmente resistente, graças à chefia de Viriato, chefe dos Lusitanos. Em 139 a.C. eles foram atraíçoados e eliminados pelos romanos. Um ano antes tinha sido fundada a cidade de Felicitas Julia Olisipo, atual Lisboa.

Entre 80 e 71 a.C. cai a região pirenaica. Entre 24 e 19 a.C., Augusto consuma a conquista. Diferente da vitória pelas armas foi a vitória lingüística, pois o Latim Vulgar só se implantou no séc. V da nossa era, portanto, por volta dos anos 400.



Cada uma dessas direções daria origem a uma divisão administrativa da Península Ibérica, com conseqüências no surgimento das línguas românicas peninsulares.

Da entrada pelo sul resultou a Hispania Ulterior, formada pela Bética e pela Lusitânia, e habitada pelos Verrones e pelos Lusitani: dessa direção resultaram o Galego e o Português. O texto de Júlio César que você leu trata de um episódio ocorrido na Hispania Ulterior, em que a Pax Romana esteve ameaçada.

Da entrada pelo norte resultou a Hispania Citerior, formada pela Tarraconense, posteriormente dividida em Galaecia, Tarraconense e Cartaginense, habitadas pelos Celtiberi, Carpetani, Oretani, Arevaci, Vaccae e Galleci: dessa direção resultaram o Catalão e o Espanhol.

Por que “ulterior” e “citerior”? É fácil: olhando o novo território desde Roma, a primeira Hispania era mais distante, mais para lá (“ulterior”), e a segunda era mais próxima, mais para cá (“citerior”).

Cada uma dessas grandes províncias teve um esquema de colonização próprio. A Hispania Ulterior, onde surgiria o Português, foi colonizada pela aristocracia senatorial e pelas ordens eqüestres, tendo sido administrada durante séculos pelo Senado. Até mesmo escolas de nível superior foram ali instaladas, segundo Tavani (1968: 21). Formou-se uma cultura cidadina, mais desenvolvida economicamente, e mais isolada de Roma: para viajar à capital do Império, só de navio. Em conseqüência, desenvolveu-se nessa região uma modalidade conservadora do Latim Vulgar, particularmente na Bética, em que iria surgir o Galego-Português. Esta língua românica, portanto, seria mais conservadora no vocabulário, na fonética e na sintaxe, transformando menos o Latim Vulgar.



A Hispânia Citerior foi colonizada por militares, tendo-se ali desenvolvido uma cultura mais rural, menos desenvolvida economicamente, mais ligada a Roma, de onde era acessível por terra. Em consequência, o Castelhana ou Espanhol, ali desenvolvido, seria mais inovador, transformando mais fortemente o Latim Vulgar. O Catalão se constitui num caso à parte, com sua natureza de “língua-ponte”, assumindo propriedades linguísticas da Ibero-România e da Galo-România: Baldinger (1962).

É isso aí: quanto mais desenvolvida uma cultura, tanto mais conservadora sua língua. Ao contrário, quanto menos desenvolvida uma cultura, tanto mais inovadora sua língua.

Explicando melhor. Nas culturas desenvolvidas há um número maior de escolas, alguns particulares organizam bibliotecas, disseminando-se a informação mais regularmente. Pessoas expostas a essas instituições desenvolvem naturalmente o conceito de que há uma tradição, há um passado a conservar, conhecido pelo que se aprende na escola e se lê nas bibliotecas. A própria escola é o lugar da transferência da tradição, substituída nas comunidades ágrafas pela transmissão oral dessa tradição. Num caso como no outro, conserva-se mais o estágio de língua recebido da geração anterior. É por isso que se entende o “conservadorismo linguístico”.

Uma cultura menos desenvolvida não cultiva esse sentimento, e a comunidade está mais aberta às tendências próprias de mudança linguística, tanto quanto às influências de outras culturas. Conserva-se menos o estágio linguístico herdado dos antepassados, logo alterado pelas mudanças gramaticais. É isso que se entende por “inovadorismo linguístico”.

As línguas são, entretanto, mais complexas do que um quadro esquemático como o que acabo de desenhar poderia representar. Assim, o conservador Português passou à frente do Castelhana inovador quando perdeu o *-n-* e o *-l-* intervocálicos, conservados por este. É o que se verifica, comparando as palavras latinas como *palu*, *germanu* com as



castelhanas *palo*, *hermano*, em que se conservaram essas consoantes, e as portuguesas *pau*, *irmão*, em que elas foram omitidas, surgindo como inovações os ditongos oral *au* e nasal *ão*, sendo este uma novidade em termos de Latim.

Olhando essas e outras palavras, qual dessas línguas mudou mais? Casos como estes são muito freqüentes, você poderia procurar outros consultando a bibliografia. Eles mostram que a oposição “conservadorismo / inovadorismo” não pode ser tomada como uma verdade absoluta.

A Hispânia Ulterior e a Citerior compreendiam administrativamente os conventus, e estes as civitates, que eram a base da administração romana, tendo constituído a base dos atuais municípios. Foi grande a floração cultural de Roma na Península Ibérica. A literatura romana atingiu seu apogeu nesta área: Sêneca e Lucano eram de Córdoba, Quintiliano, de Calahorra, Marcial, de BÍlbilis, e Columela, de Cádiz. Da arquitetura restam ainda hoje magníficos exemplares de pontes, estradas, aquedutos, pisos em mosaico, teatros, termas, arcos-de-triunfo e monumentos tumulares.

3. Diz aí, como era mesmo esse Latim Vulgar?

Agora que ficou clara a importância do Latim Vulgar, seria o caso de ler algum texto escrito nessa língua.

Pois é, meu caro, desta vez não vai dar! O Latim Vulgar era só falado, e falado por quem não dominava a escrita – sendo que naqueles tempos, ainda por cima, poucos indivíduos dominavam a escrita. Para piorar as coisas, os japoneses ainda não tinham inventado o gravador eletrônico portátil. O jeito então é comparar as línguas românicas entre si, pois sendo descendentes do Latim Vulgar, guardaram traços dele. É como diziam os antigos: “quem sai aos seus não degenera”. Lembre-se de que no texto “Como as línguas nascem e morrem?” se mostra que o Indoeuropeu, também uma língua de gente analfabeta



(“ágrafos” é mais elegante), teve de ser reconstituída a partir da comparação de suas línguas-filhas. No caso do Latim Vulgar, a coisa se repetiu, e o método histórico-comparativo* atacou de novo!

Para ajudar na reconstituição do Latim Vulgar, também se pode buscar por aí um ou outro texto latino que tenha documentado essa variedade, como as comédias romanas, as inscrições em arcos-do-triunfo e em pedras tumulares, os *grafitti* em paredes que tenham sobrevivido (como em Pompéia, por exemplo), e por aí vai. Mas é preciso tomar cuidado com esses testemunhos, pois é evidente que quem os escreveu sabia Latim Culto, e pode ter misturado sem querer as duas variedades.

Esse é o caso do de uma famosa listinha preparada pelo gramático Probo, que deve ter vivido no séc. III d.C. Para evitar que seus alunos usassem formas vulgares, fez uma lista de palavras separadas pelo advérbio *non*. A palavra da esquerda era culta, e deveria ser utilizada, a da direita era latino-vulgar, e deveria ser evitada. Não sei se o método de Probo deu certo, mas o bom da história é que ele nos deixou uma relação de palavras latino-vulgares que não poderíamos ter obtido de outra forma.

Veja aqui o que dizia o gramático:

Texto-amostra do *Appendix Probi*:

LISTA DE PALAVRAS	QUE SE APRENDE COM ISSO
<i>Speculum, non speculum</i>	A vogal depois da tônica estava sumindo; é por isso que dizemos agora <i>espelho</i> , que deriva do vulgar <i>speclum</i>
<i>Aquaeductus, non aquiductus</i>	O genitivo <i>-ae</i> estava mudando para <i>i</i> , daqui tendo derivado Português <i>aqueduto</i>
<i>Formica, non furmica</i>	A vogal antes da tônica estava se fechando, o que ocorre ainda hoje em <i>cumida</i> , escrito <i>comida</i> .
<i>Plebes, non pelvis</i>	A consoante <i>b</i> estava mudando para <i>v</i> , por isso dizemos agora <i>amava</i> e não <i>amaba</i> , imperfeito do indicativo culto de <i>amare</i> .



Outra figura importante, nesta busca do Latim Vulgar, é a monja Egéria, que escreveu no séc. V d. C. sua *Peregrinatio ad locca sancta*, em que mistura formas latinas vulgares a formas cultas. Também aqui o que interessa é espiar os vulgarismos, pois dali veio o Português e vieram todas as outras línguas românicas. Leia esta amostra:

Texto-amostra da *Peregrinatio ad locca sancta*

TEXTO E TRADUÇÃO	QUE SE APRENDE COM ISSO
<i>Vallis autem ipsa ingens est vallis,</i> Ora, esse vale é um grande vale	O demonstrativo <i>ipsa</i> funciona como artigo, perdido o valor identificador original. Lembre-se que o Latim Culto não tinha artigos.
<i>iacens subter latus montis Dei</i> que se estende sob o flanco do monte de Deus	Só formas cultas: (1) aparece o particípio presente <i>iacens</i> , que desapareceu nas línguas românicas; (2) não aparece o pronome relativo + indicativo, que substituiria as construções com particípio presente; (3) mantém-se o genitivo em <i>Dei</i> , que seria substituído pela prep. <i>de</i> + substantivo.
<i>quae habet forsitam, quantum potuimus videntes aestimare</i> que tem talvez pelo que pudemos julgar olhando	Note-se de novo o particípio presente, substituído em Port. pelo gerúndio; do advérbio <i>forsitam</i> derivou o Italiano <i>forse</i> , mas o Port. criou a forma <i>talvez</i> em seu lugar.
<i>aut ipsi dicebant in longo milia passuum forsitam sedecim</i> ou eles mesmos [os moradores] diziam, talvez, dezesseis mil passos de cumprimento	O numeral <i>sedecim</i> sobreviverá no Italiano <i>sedice</i> e no Francês <i>seize</i> , mas o Português e o Castelhana reconstruiriam a forma, através de <i>dez + e + seis</i> .

Ficou famoso, também, o “Testamentum Porcelli”, isto é, o Testamento do Porquinho, “*datado possivelmente do séc. IV depois de Cristo, em que se registram as últimas vontades do porquinho M. Grunnius Corocotta, ditadas ao cozinheiro e aos parentes pouco antes de sua morte*”: Ilari (2004: 114). Esse mesmo autor comenta que o texto é uma paródia. Segundo São Jerônimo, as crianças recitavam partes do texto, divertindo-se a valer. Seu autor tinha domínio do Latim Culto, mas deixa escapar aqui e ali alguns traços que viriam a consolidar-se nas línguas românicas.

→ Texto-amostra do *Testamentum Porcelli*

TEXTO E TRADUÇÃO	QUE SE APRENDE COM ISSO
------------------	-------------------------



<p><i>Incipit testamentum porcelli. M. Grunnius Corocotta porcellus testamentum fecit. Quoniam manu mea scribere non potui, scribendum dictavi.</i> Começa o testamento do porquinho. Como não pude escrever com minha mão, ditei para ser escrito</p>	<p>O diminutivo de <i>porcus</i>, <i>porcelli</i> aponta para o grande número de palavras portuguesas que derivaram do diminutivo em <i>-elus</i>, como <i>ovis / ovicula > ovelha; vas / vascella > baixela; aures / auricula > orelha</i>. O nome do porquinho, <i>Grunnius</i>, de <i>Grundius</i>, calcado em <i>grundire</i> “grunhir”, mostra a mudança do grupo <i>nd</i> para <i>nn</i>, tendência ainda hoje observada quando dizemos <i>falano</i> em vez de <i>falando</i>.</p>
<p><i>Magirus cocus dixit: “veni huc, eversor domi, solivertiator, fugitive porcelle, et hodie tibi dirimo vitam”. Corocotta porcellus dixit: “si qua feci, si qua peccavi, su qua vascella pedibus meis confregi, rogo, domine coce, vitam peto, concede roganti”.</i> O cozinheiro Magiro disse: “vem aqui, destruidor da casa, lambedor do chão, porquinho fugitivo, e hoje acabo com tua vida. O porquinho Corocota disse: “se fiz algo, se cometi algum erro, se quebrei algumas vazilhas com os meus pés, rogo, senhor cozinheiro, peço a vida, perdoa ao suplicante”.</p>	<p><i>Cocus</i> (e <i>cocina</i>) apontam para a pronúncia popular, em que se omitia a vogal <i>u</i> de <i>coquus</i>, <i>coquina</i>, permitindo neste caso a derivação portuguesa <i>cozinha</i>.</p>
<p><i>(...) Et ut videt se moriturum esse, horae spatium petiit et cocum rogavit ut testamentum facere posset. Clamavit ad se suos parentes, ut de cibariis suis aliquid dimittere eis. Qui ait: (...) Et de meis visceribus dado donabo sutoribus saetas, rixatoribus capitinas, surdis auriculas, caudicibus et verbosis linguam, buculariis intestina, esiciariis femora, mulieribus lumbula, pueris vesicam, puellis caudam, cinaedis musculos, cursoribus et venatoribus talos, latronibus unguas. (...)</i> E como percebeu que ia morrer, pediu o tempo de uma hora, e rogou ao cozinheiro para que pudesse fazer um testamento. Chamou a si seus parentes, de modo que lhes legasse algo de seus alimentos. Ele disse: (...) E de minhas vísceras, legarei os pelos aos sapateiros, as cerdas da cabeça aos briguentos, aos surdos as orelhas, aos advogados e prolixos a língua, aos vaqueiros os intestinos, aos salsicheiros as coxas, às mulheres os lombos, aos meninos a bexiga, às meninas a cauda, aos efeminados os músculos, aos corredores e aos caçadores os calcanhares, aos ladrões os cascos (...)</p>	<p>O texto imita o estilo repetitivo dos documentos públicos, visível nos polissíndetos (<i>et...et</i>) e na repetição do verbo (<i>dabo donabo</i> “darei, doarei”). O uso de <i>parentes</i> como “parentes”, e de <i>clamare</i> como “chamar” também evidencia traços discrepantes do Latim Culto, variedade em que o primeiro termo quer dizer “pais”, e o segundo “lamentar-se aos gritos, proclamar”. Na sintaxe, nota-se o uso das preposições <i>ad, de</i>, dispensáveis no Latim Culto, nestes casos. <i>De</i>, por exemplo, é um partitivo em <i>de meis visceribus</i>, e não indica origem de cima para baixo, como no uso culto <i>de caelo cadere</i> “cair do céu”.</p>

4. Preparando o cenário para a formação do Português



A latinização da Península Ibérica pelos romanos e a existência de povos e culturas pré e pós-romanos no território criaram as condições para o surgimento do Português. Vamos ver isso passo a passo.

A expansão romana pela Europa teria como resultado o surgimento de um grande conjunto de línguas, denominadas *línguas românicas*, derivadas do Latim Vulgar. Entre os últimos tempos do Latim e o surgimento das línguas românicas, aproximadamente entre os anos 600 e 1000, falou-se na Europa o *Romance*. Veja a esse respeito o esquema que aparece no texto “Como as línguas nascem e morrem?”

O Latim Vulgar trazido para a Ibéria era mais arcaico que aquele levado para a Gália, e este, por sua vez, era mais arcaico que aquele levado à Dácia, atual Romênia, conquistada no ano 107 d.C.: olhe de novo o resumo sobre as duas Românicas para entender bem isto.

A formação da Língua Portuguesa é uma história que pode ser contada em pelo menos cinco capítulos:

- (1) Latinização da Península Ibérica e contactos lingüísticos com os povos pré e pós-romanos, de que resultou a formação do Romance Ibérico.
- (2) Transformações do Romance Ibérico do noroeste da Península Ibérica no Português Arcaico.
- (3) O Português Arcaico sofreu mudanças, o que permite dividi-lo em duas fases: primeira fase, a do Galego-Português, vai de 1100 a 1350; a segunda fase, a do Português propriamente dito, vai de 1350 a 1540.
- (4) Português Moderno, com duas fases: primeira fase, séculos XVI a XVIII (1540 a 1750); segunda fase, século XIX.
- (5) Português Contemporâneo: séculos XX a XXI.

Vamos nos limitar neste texto aos três primeiros capítulos. Para facilitar as coisas, veja no seguinte esquema como o Latim Culto morreu, e como o Latim Vulgar foi se multiplicando na Europa Latina:



4.1 O período do Romance (600-1000).

Os cidadãos romanos tinham consciência das variedades de Latim que estavam usando, tal como hoje, quando distinguimos o Português Culto do Português Popular. Naquele tempo, as variedades do Latim eram reconhecidas e designadas pelas expressões *latine loqui*, isto é, falar Latim Culto, e *romanice loqui*, isto é, falar o Latim Vulgar dialetado que se espalharia pela Europa.

O advérbio *romanice*, que aparece na expressão *romanice loqui*, mudaria foneticamente para *Romance*, passando a designar primeiramente a resultante europeia da dialeção do Latim Vulgar por toda a Europa Latina, e posteriormente um gênero literário – precisamente as narrativas redigidas nessa língua, intermediária entre o Latim Vulgar e as futuras línguas românicas. É no primeiro desses sentidos que se toma aqui a palavra *Romance*.

O período Romance não é conhecido em detalhes. Tudo o que se sabe é que o Romance variava geograficamente, e já não podia mais ser considerado como Latim, dadas as profundas alterações operadas na gramática da língua de Roma, nem era ainda algumas das línguas românicas que hoje conhecemos. A própria duração do Romance variou no tempo: na França, ele parece ter sido extinto em 800, quando surge o primeiro documento em Francês, os Juramentos de Estrasburgo, de 838. Na Ibéria o “prazo de validade” do Romance foi mais extenso, e ele deve ter sobrevivido até 1100. Você sabe, os bons ares do lugar, o azeite, o queijo e o vinho...

As muitas diferenças na formação sociohistórica das línguas românicas podem ser melhor entendidas quando se reconhecem dois grandes domínios do Romance da Alta Idade Média, o Romance Ocidental e o Romance Oriental.

4.2 România Ocidental, România Oriental, formação das línguas românicas

No Quadro a seguir são recolhidas as principais diferenças entre as línguas da România Oriental (Italiano, Romeno, Sardo) e aquelas da România Ocidental (Francês, Provençal, Catalão, Castelhana e Português).

România Oriental e România Ocidental

ROMÂNIA ORIENTAL	ROMÂNIA OCIDENTAL
A România Oriental é subdividida em <u>Daco-România</u> (de que derivou o Romeno), <u>Ítalo-România</u> (de que derivou o Italiano) e <u>Reto-România</u> (de que derivou o Rético). As línguas da România Oriental se caracterizam por (1) manterem a vogal postônica, como em Latim Vulgar <i>tegula</i> > Italiano <i>tegola</i> , “telha”, (2) manterem as consoantes surdas intervocálicas, como em Latim <i>focu</i> > Italiano <i>fuocu</i> , (3) assimilarem o grupo consonantal <i>octo</i> > <i>otto</i> , (4) terem o Nominativo como caso único, donde fazerem o plural em <i>-e</i> para as palavras femininas, e em <i>-i</i> para as palavras masculinas: Italiano <i>sorella – sorelle</i> “irmã – irmãs”, <i>bambino – bambini</i> “menino – meninos”.	A România Ocidental é subdividida em <u>Galo-România</u> (de que derivaram o Francês, o Catalão e o Provençal) e <u>Ibero-România</u> (de que derivaram o Castelhana, o Português e o Galego). As línguas da România Ocidental se caracterizam por (1) perderem a postônica, como em Latim <i>tegula</i> > <i>teglā</i> > Português <i>telha</i> , (2) sonorizarem as consoantes surdas intervocálicas, como em <i>fogo</i> , (3) semivocalizarem a primeira consoante do grupo <i>ct</i> , como em <i>oito</i> (4) terem o Acusativo como caso único, donde fazerem o plural em <i>-s</i> , independentemente do gênero: Francês <i>les hommes</i> [lezòm], em que não se pronuncia o <i>-s</i> do substantivo, Espanhol <i>los hombres</i> , Português <i>os homens</i> .

Vamos agora comparar duas línguas originárias das “duas Românicas”: o Português e o Italiano. Será verdade que as diferenças entre elas se limitou à formação do plural, conforme sugerido acima? Não mesmo! Observe o próximo Quadro e tire você mesmo suas conclusões.

Diferenças entre o Português (România Ocidental) e o Italiano (România Oriental)

LATIM VULGAR	PORTUGUÊS	ITALIANO
<i>Nos, post</i>	<i>Nós, pois</i>	<i>Noi, poi</i>
<i>Lupu, amatu, amicu</i>	<i>Lobo, amado, amigo</i>	<i>Lupo, amato, amico</i>



<i>Octo, nocte, factu</i>	<i>Oito, noite, feito</i>	<i>Otto, notte, fatto</i>
<i>Cera, certu</i> [dito <i>kerá, kertu</i>]	<i>Cera, certo</i> [dito <i>sera, sertu</i>]	<i>Cera, certo</i> [dito <i>tchera, tcherto</i>]

Qual dessas línguas se mostra mais próxima do Latim Vulgar? Em que elas se aproximam, e em que elas se afastam de sua língua-mãe? Consulte uma gramática das duas línguas, organize alguns quadros comparativos e localize outros pontos de contacto e de afastamento. Assim são as línguas, muito complexas mesmo quando aparentadas.

4. 3 Povos pré-romanos na Península Ibérica

A Ibéria não era nenhum deserto humano quando os Romanos chegaram. Eles encontraram aqui os Vascos ou Iberos, aquele povo não Indoeuropeu, e ainda os Celtas, os Ambroilírios, os Fenícios ou Cartagineses (a quem derrotaram) e os Gregos. Leia no quadro a seguir uma síntese da história desses povos.

Bascos ou Iberos	Celtas	Lígures ou Ambroilírios
Os Bascos, Vascos ou Iberos estão na Península Ibérica desde tempos imemoriais. Eles são originários da região do Cáucaso, na Ásia, e não eram indo-europeus. São obscuras as relações entre os Bascos e os Iberos. Estes últimos integraram a Cultura Capsense, originária da Ásia Menor e da Líbia. Dada a superioridade cultural dos Iberos, supõe-se que os Bascos tenham aprendido a língua daqueles. Entretanto, como havia no Cáucaso um povo denominado “hoi ibéroi” pelos gregos, outros supõem que Bascos e Iberos integrem a mesma etnia. Os romanos os	Os Celtas, povo originário da Europa Central, migraram para a Península Ibérica entre 800 e 300 a.C. No primeiro momento, fixaram-se na região Entre-Tejo-e-Guadiana, e do Douro até a Lusitânia. No segundo período, ocuparam o centro do território, misturando-se aos Iberos, surgindo os Celtiberos.	Originários aparentemente da Ligúria, na Itália, descendiam de uma raça denominada “Ambrones” pelos Romanos. A eles mesclaram-se os Ilírios, donde a designação Ambroilírios. Durante certo tempo, pensou-se que esse povo não tivesse passado pela Península Ibérica, mas Ramón Menéndez Pidal conseguiu prová-lo ligando topônimos que remetem ao nome próprio “Ambrones”. Com isso, ele restituiu o percurso dos Ambroilírios pela península, o que se pode ver pelo Mapa “Ambroilírios na Península Ibérica”



denominaram “Vascones”, e ainda hoje em dia eles ocupam as Províncias Vascongadas, da Espanha. Do lado francês, ocupam a Gasconha, cujo nome, aliás, resultou de <i>Vasconia</i> , terra dos Vascos. Sua importância é tanta, que eles acabaram por dar seu nome patronímico ao território, a Ibéria.		
---	--	--

Nenhum desses povos conseguiu preservar sua língua diante do avanço romano, com exceção dos Bascos. O Latim Vulgar receberia deles contribuições lexicais, tendo preservado sua morfologia e sua sintaxe. É por isso que o Galego, o Português e o Castelhana mantêm até hoje uma gramática neolatina.

No quadro a seguir, você encontrará algumas palavras que o Português tomou de empréstimo às línguas dos povos pré-romanos.

- **Palavras oriundas do Basco:** A língua basca, ou *êuscara*, deixou diversos documentos epigráficos espalhados pela bacia do Mediterrâneo, grafados em grego ou no alfabeto epicórico, decifrado por M. Gómez Moreno. Ver Tovar (1958), Schuchardt (1947), Stella (1963), Arribas (1967). Contribuições lingüísticas do Basco: sufixos *-rro / -rra* (como em *bezerro, cachorro, piçarra, bizarro, guitarra*), *-rdo / -rda* (como em *esquerdo*, palavra suplantou a latina sinônima *sinister*), *barro, nava* (que quer dizer “depressão”, e que entra no topônimo *Navarra*), *Tagus* (que deu *Tejo*), *lausiae* (que deu *lousa*), *arrugia* (que deu *arroio*, palavra que significava antes “galeria das minas”), antropônimos *Sancho / Sanches, Gimeno / Gimenes, Urraca*.
- **Palavras oriundas do Celta:** sufixo *-essu > -és* (em *Algés, Arbués*), *briga* e *dunum* “fortaleza”, palavras que entraram na composição dos topônimos *Conimbriga > Coimbra, Lugdunum > Lião, Vinodunum > Verdun, carrus > carro, carruca > charrua*, por importação francesa, substituindo-se a palavra latina *aratrum, manteiga, bragas* “roupa branca” (e, por etimologia popular *barriguilha*, formado a partir de *braguilha*), *sagum > saio / saia, camisa, cogula* “veste sacerdotal”, *brio, caminho, légua, caballus > cavalo*, que suplantou o latim *equus*, preservado



no português como o feminino *égua, gato, bico, cabana, cerveja, trado, lança, cumba* “vale”, no topônimo *Santa Comba Dão* (em que deve ter havido uma reinterpretação de *comba* como *colomba*, donde o “santa”), *cambiare* > *cambiar*, que em alguns casos suplantou a palavra latina correspondente *mutare, basium* > *beijo* e *basiare* > *beijar*.

- Palavras oriundas do Grego: *púrpura, governar, tomilho, golpe, greda, cima, gesso, escola, igreja, bodega, bispo, ângelo, blasfêmia e blasfemar, batizar, cada, monarquia, drama, mecânica*. Não são aqui mencionados os termos técnicos de que o Grego abasteceu abundantemente o Português, por não terem entrado para a língua neste período histórico.

Lendo essas listas, você pode se perguntar o seguinte: que sons se repetem nas palavras bascas? Que domínios do vocabulário foram enriquecidos pelas palavras herdadas dos povos pré-romanos? Dá para conversar bem, mesmo não usando essas palavras?

4.4 Povos pós-romanos que invadiram a Península Ibérica

A Península Ibérica não virou um paraíso na terra só porque os romanos tinham chegado e tomado conta do pedaço.

Estavam os descendentes dos romanos muito felizes com suas novas propriedades hispânicas, quando o lugar entrou na mira dos germanos. Logo os germanos, que tanta confusão já tinham armado no coração mesmo do Império, e que acabariam por dar-lhe fim, em 497 d.C! Mas não apenas os germanos fizeram estrepulias no lugar! Mal começada a Era Moderna, lá vieram os Árabes acabar com a graça dos descendentes dos invasores germânicos. Vejamos isto.

4.4.1 Os germanos

O nome “germanos” recobre um conjunto de tribos, que se atiraram sobre a Europa em diferentes épocas históricas. Essas tribos eram assim divididas: (1) Grupo Oriental:



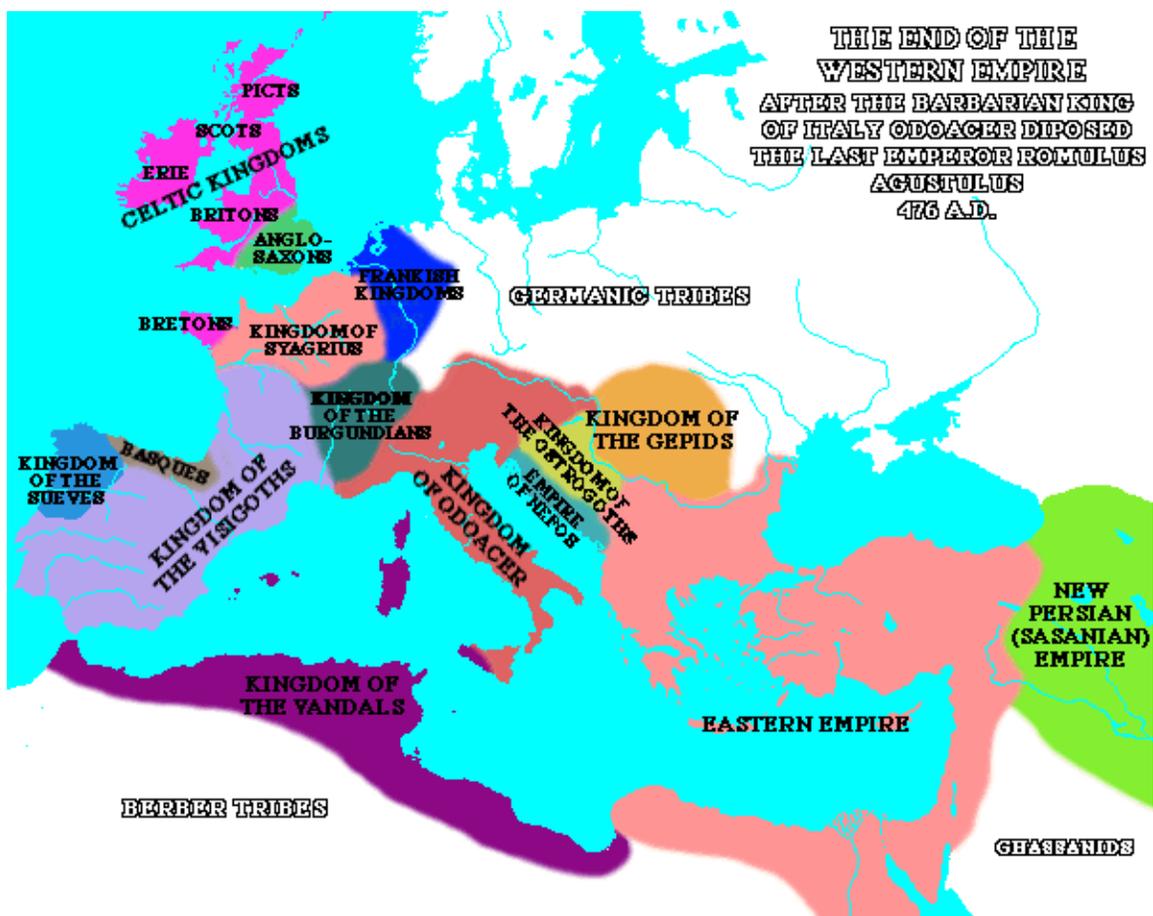
Vândalos, Godos (que compreendiam os Visigodos e os Ostrogodos), Alanos, Burgúndios, Hérulos e outros. (1) Grupo Ocidental: Francos, Alamanos e Suevos.

Desses grupos, vieram para a Ibéria a partir de 409 d.C. os Visigodos, os Suevos, os Alanos e os Vândalos. Os Alanos tomam a Lusitânia, mas são logo repelidos. Os Vândalos tomam a Bética – cujo nome mudam para *Vandaluzia*, atualmente *Andaluzia* – mas logo passaram à África, devastando as províncias romanas da Mauritânia e Tingitânia. Os Suevos criaram em 429 um importante reino na Gallaecia, com capital em Braga, tendo sido conquistados pelos Visigodos. Esse reino teve fim em 585.

Os mais importantes dentre os germanos foram os Visigodos, que chegaram em 416, tendo dominado a península até 624, após derrotar as “tribos-irmãs”. Eles desenvolveram uma civilização que se tornaria notável pela codificação das leis, compondo a famosa *Lex Visigothorum*. Eles ocuparam a meseta castelhana, desde Burgos até Madri e Toledo. Professando o Arianismo, variante do Cristianismo, evitaram inicialmente casar-se com os hispano-romanos. Em 589, o rei Recaredo abjura do Arianismo, fato que levou os Visigodos a mudarem de atitude, iniciando-se a miscigenação – fato que impediu a Ibéria de transformar-se numa Gótia. Lembre-se que os Francos transformaram a antiga província romana das Gálias em Francia, atual França.

No começo do séc. VIII a monarquia visigótica se envolvia em brigas internas, fragmentando-se a bela construção, a ponto de um visigoto, o Conde Julião, ter facilitado a invasão árabe.

No mapa a seguir você pode fazer uma idéia da importância dos Germanos nesta altura da história européia:



A grande importância lingüística da invasão germânica está em que seu domínio libertou as potencialidades diferenciadoras da península em relação a Roma, não mais considerada como metrópole. Formou-se um sentimento nacional, e entre os sécs. VI e IX o Latim Vulgar Hispânico, matizado pelos germanismos, começou a dialetar-se nos diversos Romances de que surgiram a partir do séc. X as línguas românicas ibéricas.

Como os germanos tinham entrado em contacto com os romanos desde o séc. I, suas contribuições léxicas devem ser consideradas segundo o grupo germânico de que procedem e segundo o local em que se deu o contacto. Há, em conseqüência, (1) palavras vindas do germânico ocidental (como os Francos) ou do germânico oriental (como os Godos) que penetraram no Latim Vulgar independentemente da invasão da Península



Ibérica; (2) palavras germânicas regionais, introduzidas durante o período Romance (germanismos francos na Gália, atual França, longobardos na Itália, burgúndios, ostrogodos e visigotos em outras áreas); (3) franquismos e galo-romanismos difundidos mais tarde, com a expansão do Império Carolíngio e da cultura provençal e francesa, durante a Idade Média.

Obviamente, é difícil distinguir os germanismos a partir desses critérios. Assim, seguindo Rafael Lapesa, vamos enumerá-los sem essa preocupação, embora se reconheça que o aporte visigótico foi mais acentuado na Península Ibérica.

Eis aqui algumas palavras germânicas que entraram para o Português:

- Substantivos comuns: *elmo, orgulho, aleive, laverca, sabão, burgo, guerra* (que suplantou Latim *bellum*), *brasa, trégua, luva, espora, albergue, fralda, coifa, feudo, embaixada, rico, branco, bruno, guisa* “maneira”, donde *guisado* “disposto, arranjado”, *parra, ufano, íngreme, aio, aleive* (donde *aleivosia*, “calúnia”), *ganso, bramar, guardar, roubar, gastar, britar, agasalhar, gabar-se, guarir e guarecer* “curar”, sufixo *-engo* (*avoengo, realengo, solarengo, abadengo*), sufixo *-ardo* (*bastardo*).
- Substantivos próprios: os nomes próprios germânicos compunham-se de elementos significativos, tais como *Wulf* “lobo, força”, *Mir* e *Mil* “glória”, *Rigo* e *Riz* “poder”, donde *Ruderigo* > *Rodrigo*, *Gunths* “espada, valor guerreiro”. Esses elementos aparecem em *Teodulfo, Rodolfo, Gondemir* “célebre na luta”, *Argemil, Teodorigo, Godo, Godinho, Alvarenga, Ramiro, Elvira, Fernando, Afonso, Gondomar, Wilhelm* > *Guilherme, Rugerius* > *Rogério, Viliati* > *Guilhade*.
- Topônimos: *Vimaranis* > *Guimarães, Fafiães, Atiães, Ermegilde, Ramilde, Resende, Álvaro* e *Alvarenga, Ataíde, Baião, Borgonha, Brandão, Brito, Burgo, Guedes, Guiães, Lobão, Melo, Ourique, Gomes / Gomide, Gonçalo, Gonçalves, Gouveia, Gradim, Teles, Valdemir, Vera, Esposende, Godói*. Muitos desses topônimos transformaram-se em antropônimos.

O domínio germânico na Península estendeu-se, portanto, do séc. V ao VIII, devendo-se lembrar que no séc. V tinha sido extinto o Império Romano do Ocidente, com sua capital



em Roma. Mas a invasão germânica não conseguiu extinguir o Latim da Península Ibérica, pelo contrário, acelerou as mudanças de que resultariam o Galego, o Português e o Espanhol, reforçando a latinidade nesta parte da Europa. Desse ponto de vista, o tiro dos germanos saiu pela culatra!

4.4.2 – Os árabes

Por volta de 710, a monarquia visigótica entrou em séria crise, registrando-se lutas entre católicos e arianos, nortistas bascos e sulistas visigodos. O Conde Julião, visigodo, abre as portas de Ceuta aos árabes e pede uma expedição que tome a Península Ibérica.

Em 711, os generais Musa e Tárique atacam os hispano-godos, atravessam as Colunas de Hércules, então redenominada Gibraltar (de *geb-al-Tárik*, “cabo de Tárique”, general árabe) e se instalam na Península por largos anos, até sua expulsão em 1492 – quando os espanhóis já descobriam a América!

De 711 a 756 a Hispânia Muçulmana é governada por emires, ligados ao Califado de Damasco. Dessa data até 929 organiza-se o Califado de Córdoba, e os emires hispânicos tornam-se independentes. Abderrahman I, II e III sucedem-se no poder. Em 785 começa a construção da mesquita de Córdoba. A chegada dos árabes obriga os remanescentes hispano-godos, que falavam um Romance bastante inovador se comparado ao Romance moçarabizado do Sul, a fugirem para o Norte, em que fundam diversos reinos. Destes reinos surge o movimento da Reconquista, que teria como resultado pôr em contacto essas duas variedades românicas.

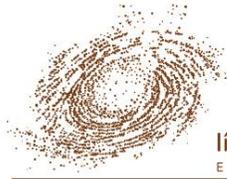
Os árabes ficaram 552 anos em Portugal, de onde foram definitivamente expulsos com a tomada de Algarves e sua inclusão em Portugal, no ano de 1263, após um acordo com Castela.

Eles ficaram mais tempo na Espanha, 781 anos, tendo sido expulsos após a captura de Granada, em 1492.

Os árabes trouxeram para a Ibéria sua desenvolvida cultura, que incluía desde a Agricultura até a Filosofia, passando por uma extraordinária Arquitetura preservada até hoje. Tendo traduzido para o árabe os clássicos gregos, salvaram para o Ocidente textos como os de Aristóteles, destruídos na Europa pela intolerância cristã. O maior esplendor de sua cultura ocorreu na região chamada “Al Andalus”, palavra adaptada de Vandaluzia, no sul da península. A cultura aqui desenvolvida foi superior à africana, caracterizando-se por uma grande tolerância religiosa e política. A Lex Visigothorum foi mantida, os costumes, usos e os juízes hispânicos foram conservados. O desenvolvimento literário foi muito intenso, a ponto de pensarem alguns historiadores da literatura que a poesia lírica medieval da Península Ibérica seja de origem árabe. Estudos lingüísticos foram cultivados, para as explicações do Alcorão. Desenvolveu-se a História e a Geografia, em que se sobressaíram Ben Haiane, Benelabar, Benalcatibe, Ben Saíde, a Filosofia, a Medicina, a Botânica, a Agricultura e a Arquitetura, além da Música.

Detalhar tudo o que ocorreu no período escapa às limitações deste texto. Basta que se diga que a chegada árabe dividiu a sociedade hispano-romana em três segmentos sociais:

- (1) Os árabes invasores, os *baladiyym*, que se tornaram os novos donos do pedaço.
- (2) Os mouros ou bereberes vindos da Mauritânia, que tinham sido conquistados e islamizados pelos árabes.
- (3) Os *muwalladim*, ou muladíes, hispano-godos convertidos ao Islamismo, que adotaram a língua, os costumes e as roupas dos árabes.
- (4) Os moçárabes (palavra que significa “submetido aos árabes”), hispano-godos bilíngües submetidos aos invasores, que falavam árabe em suas relações com os novos proprietários do estabelecimento, e romance em suas relações familiares.
- (5) Os judeus, que dispunham dos mesmos direitos dos moçárabes.



A tradição latina na península foi mantida pelos moçárabes. Através deles, arabismos penetraram nas línguas ibero-românicas, e latinismos penetraram no árabe. Eles tiveram também uma enorme importância no desenvolvimento da poesia lírica ibérica. Hoje se sabe que em língua moçárabe foram compostas as *carjas* ou *findas*, espécie de remates poéticos de 2, 3 ou 4 versos que acompanhavam as composições poéticas dos árabes e dos hebreus peninsulares, as *moaxas*, ou *muaxahas*.

As carjas mesclavam palavras moçárabes, árabes e hebraicas, e mostram que nos sécs. XI e XII tinha existido uma lírica tradicional, a que viriam a assemelhar-se as cantigas d'amigo galego-portuguesas, que só surgiriam no século seguinte. Entretanto, este ponto segue inconcluso, não se podendo afirmar que a poética árabe peninsular deu surgimento a um movimento artístico que poderia ter sido criado pelos Gallaeci, anteriores aos árabes.

As carjas foram descobertas em 1948 por S. M. Stern, a que se seguiu em 1952 o trabalho de Emilio García Gómez, que publicou as muaxahas completas, aí incluídas as carjas.

As muaxahas árabes em que se encontram carjas romances, se encontram em obras manuscritas de Ibn Busra, Ibn al-Jatib e Judá Ha-Leví. É natural que os copistas que transcreveram esses manuscritos, não conhecendo o Romance, reinterpreteram-nos de mil modos. Mas não há dúvida que essas composições “*oferecem uma modalidade de língua a que chamamos moçárabe, praticada em al-Andalus por cristãos, muladíes ou renegados, e também por alguns dos conquistadores*”: Galmés de Fuentes (1994: 85). As sucessivas etnias árabes que com frequência invadiam a península diminuíram fortemente o contingente moçárabe, sem extingui-lo. Eis aqui algumas carjas, com sua tradução:

Amostra de carjas romances, retiradas de Galmés de Fuentes (1994: 31 e 39)

Carja árabe



<i>Ven çidi Ibrahim Ya nu^w emne dolche! Vente a mib De nohte In non, si non keres, Irey me a tīb. Gárrame a ob Ligarte</i>	<i>Vem, dom Ibrahim Oh nome doce! Vem-te a mim De noite Se não, se não queres, Irei(me) a ti Diz aonde (posso) unir-me (contigo)</i>
---	--

Carjas hebraicas

<i>Ven, çidi, ven, El querid(o) es tanto ben(i) D'este az-zameni. Ven filyo d'Ibn ad-Dayyeni</i>	<i>Vem, meu senhor, vem, O querido é um grande bem Deste momento. Vem, filho de Ibn ad-Dayyeni</i>
<i>Vayse miē^w o qorachón de mib, Ya Rabb! Se se me tornarad? Tan mal me du^w óled li-l-habib, Enfermo yed: Ku^w and sanarad?</i>	<i>Vai-se de mim meu coração Ai senhor! Acaso me voltará? Tanto me dói pelo amigo, (que) está doente: quando sarará?</i>

É evidente a proximidade destas carjas com as canções d'amigo, em que uma mulher fala pela boca do poeta, confessando seu amor à sua mãe e às suas amigas, ou mesmo formulando seu desejo com a clareza das composições acima.

Olhe aqui como se deu a ocupação (e a desocupação) da Península Ibérica pelos árabes:



Iberian peninsula: The Mozarabic areas

© Orbis Latinus www.orbilat.com

Vejamos agora algumas palavras árabes que penetraram no Português

- Pessoas e profissões: *alfaiate, alfenim, alferes, alcalde* (“juiz municipal”, diferente de *alcaide*, “governador do concelho”), *almocreve, almotacé* (funcionário encarregado da metrologia), *almoxarife* (“inspetor”), *assassino, fulano, xerife* (“nobre”).
- Ofício da guerra: *adail* (“soldado da vanguarda”), *algara, alcáçar* (arabização da palavra latina *castrum*), *alfajeme, adaga, alfange, alcáçova* (“castelo”), *alarido, alarde, algazarra, algaravia* (variante de *aravia*), *azáfama*.
- Comidas: *azeite, azeitona, acém, acepipe, açúcar, álcool, alféloa, almôndega, sorvete, xarope, aletria, cuscus*.
- Agricultura: *alforreca* (“urtiga”), *açucena, açafão, marfim, acicate* (“espinho”), *alcachofra, alcaçuz, alfafa, alfarroba, alfavaca, alfazema*,



almeirão, acelga, alface, arroz, benjoim, café, laranja, lima, limão, romã, tâmara, tremoço.

- Comércio e construções: *almoeda* (“anúncio”), *leilão*, *sarrago* (“moeda, cambista”), *adufe*, *alfândega*, *algarismo*, *açougue*, *armazém*, *bazar*, *caravana*, *pataca*, *xaveco* (“barco”), *cifra*, *álgebra*, *alforje*, *aduana*, *almude*, *açude*, *adobe*, *azulejo*, *alcova*, *saguão*, *alcouce* (“prostíbulo”), *aldeia*, *alvenaria* (note-se o sufixo românico), *barraca*, *mesquita*, *adarve* (“torre”), *albarrã* (“fortificações”), *aldrava*, *alicerce*, *argola*, *andaimas*, *tabique*.
- Animais: *ginete* (“cavaleiro”, e depois o cavalo), *alcatéia*, *alcatraz* (“pelicano”, o mesmo que *albatroz*), *arraia* (“rebanho”, donde *arraia-miúda*), *atum*, *gazela*, *javali*, *lacrau*, *papagaio*, *récua* (“besta de carga”), *rês*.
- Expressões: *oxalá*, *até*.
- Topônimos: *Algarve*, *Alvalade*, *Alfama*, *Alcalá*, *Arrábida*, *Alcântara* (“a ponte”), *Almada*, *Albufeira*, *Faro*, *Nora / Noras / Norinha / Noura*, formadas sobre a palavra *nora* “aparelho para tirar água, formado por uma roda dotada de vasos”, *Guadiana*, *Guadalquivir*, *Guadalajara*, *Medina*, *Gibraltar* (de *Geb al Târik* “cabo de Târique”), *Alhambra*. Algumas palavras românicas são arabizadas e depois re-entram no Português, como *Santa Iria* > *Xantarim* > *Santarém*.

Já no final do período Romance tem origem o movimento da Reconquista, que só completaria seus objetivos no séc. XV, com a expulsão dos mouros / árabes da Península Ibérica. Esse movimento teve uma enorme importância lingüística, pois de certa forma completou o trabalho das direções de penetração romana, concorrendo para a organização do mapa lingüístico ibérico atual. Vejamos como isso aconteceu.

Com a chegada dos árabes, o que aconteceria aos romances ibéricos, que tinham começado a se desenvolver em razão da colonização romana do território? Desapareceram? Claro que não. Se a tradição latina da península tivesse desaparecido, hoje estaríamos falando alguma variedade do árabe. Isso não aconteceu graças aos moçárabes e ao movimento da Reconquista. Assim, parece que a história se repete: os invasores germanos cortaram os laços da Ibéria com Roma. Os invasores árabes uniram



os hispano-romanos cristãos em movimentos guerreiros que consolidaram a cultura romana. Vamos ver isso de perto.

5. Que consequências houve na invasão árabe da península e a formação do Português? Por que eu tenho de pensar nisto?

Entre 711 (chegada dos árabes) e 1492 (expulsão dos últimos árabes) formaram-se os reinos cristãos da Ibéria e surgiram as línguas românicas na península. Foi lento o movimento da Reconquista, que ganhou um grande impulso já a partir do ano de 930.

Inicialmente, os hispano-godos repelidos pelos árabes refugiaram-se no norte da península e organizaram os Estados Cristãos Medievais, sujeitos a muitas modificações, dadas as guerras que moviam entre si e contra o mouro. O quadro abaixo tenta captar essa complicada época histórica.

Formação dos Estados Cristãos Medievais

Reino de Astúrias (719-910)	Reino de Leão (720-905?)	Condado de Castela (932-1029)	Reino de Aragão (1035-1162)	Condado de Barcelona (875-1137)	Reino de Navarra (800-1512)
Reino de Leão e Astúrias (910-1037)			Reino de Aragão e Catalunha (1162-1479)		
Reino de Leão e Castela (1037-1479)					
Reino de Aragão e Castela, surgido com o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela (1479-1516). Em 1512, anexação do Reino de Navarra					

Com o movimento da Reconquista, o Português no noroeste da Península Ibérica, o Castelhana no centro e o Catalão a leste foram ocupando os territórios dos moçárabes, movimentando-se sempre em direção ao sul, até a total expulsão dos árabes. Quem levou a melhor foi o Castelhana, que acabou por assimilar o leonês e o aragonês. O Português e o Catalão escaparam do formidável desempenho do Castelhana, preservando sua identidade nacional e lingüística. Mas voltemos ao Português.

O seguinte quadro histórico é importante para que você acompanhe os acontecimentos simultâneos à formação do Português. Situamos nele o Romance do Noroeste da Península e o Português Arcaico em seu contexto histórico.

O Romance do Noroeste e o surgimento do Português Arcaico (1100 – 1540)

800-1100	Considerado como o período proto-histórico do Galego-Português (e, conseqüentemente, da Língua Portuguesa), fala-se Romance durante este período, documentando-se em textos do Latim Medieval as primeiras palavras portuguesas, tais como <i>abelia, conelium, padulibus, estrata</i> . Na Gália, o Francês é documentado pela primeira vez em 838, mas na Ibéria o período do Romance se estendeu mais.
1085	Afonso VI de Leão e Castela entra em Toledo e ameaça Valência. É a época do Cid. Chega o general árabe Iuçufe à testa de um poderoso exército mouro, que derrota Afonso VI. Em desespero de causa, este rei recorre ao poderoso Abade de Cluny, D. Hugo de Borgonha, que envia em sua ajuda seus primos Eudo e Henrique de Borgonha. Morre o herdeiro de Iuçufe, que se retira apressadamente para a África. Convocados pelo Papa, guerreiros de muitas partes acorreram à Península, para combater os árabes invasores da Europa ela mesma. Era o espírito das cruzadas, ativado pelas ordens religiosas e militares dos Hospitalários, Calatrava, Santo Sepulcro ou dos Templários, e, mais tarde, pela Ordem de Avis.
1090	Raimundo de Borgonha casa-se com D. Urraca, filha de Afonso VI e sua herdeira, e recebe o Condado de Galiza como dote.
1094	Henrique de Borgonha casa-se com D. Teresa, outra filha de Afonso VI, e recebe o Condado de Portugal e Coimbra como dote. O Condado localiza-se na margem esquerda do Rio Douro, onde hoje é a cidade de Vila Nova de Gaia. Observe esta palavra <i>Gaia</i> : ela procede de <i>Cale</i> , termo que, juntado a <i>Portu</i> , deu origem à palavra <i>Portugal</i> . Aparentemente sugestionado por seu primo D. Hugo, D. Henrique começa a agir como soberano independente, tramando com seu primo D. Raimundo a partilha do reino de Afonso VI. Começa, assim, a influência francesa sobre Portugal.
1107	D. Afonso VII herda o domínio de Galiza, com direito ao título de rei.
1109	Morre D. Afonso VI, e D. Afonso VII é proclamado Rei de Leão e Castela. Nasce Afonso Henriques, filho de D. Henrique e D. Teresa.
1112	Morre D. Henrique. Viúva, D. Teresa declara-se Rainha de Portugal e trama a recondução do Condado ao domínio de Castela, desgostando os barões de Entre-Douro-e-Minho, que passam a pressionar Afonso Henriques a que declare a independência do condado.
1127	D. Afonso VII cerca o Castelo de Guimarães, para submeter o condado à sua tutela.
1128	Afonso Henriques prende sua mãe no Castelo de Guimarães e vence os castelhanos na Batalha de São Mamede, primeiro passo para a criação do Reino de Portugal.
1139	Lutando contra os árabes, que ocupavam o sul do atual território português, Afonso Henriques vence-os na Batalha de Ourique, no Alentejo, sendo coroado Rei de Portugal, com o título de D. Afonso I. Inicia-se a dinastia dos Borgonha, primeira Casa Real portuguesa. Sua vida foi um conjunto de batalhas contra os árabes. Durante cinquenta anos, ele prossegue nas conquistas do Sul, incorporando ao seu Reino Santarém, Lisboa e o Alentejo.
1147	Ajudado por cruzados ingleses e alemães, D. Afonso I ocupa Leiria, Santarém e Lisboa. Os interesses portugueses deslocam-se cada vez mais para o Sul.
1157	Morre D. Afonso VII, a quem sucede D. Fernando II.
1185	Morre D. Afonso I, após ter fundado os Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de



	Alcobaça, que viriam a ter grande importância cultural. Seu filho D. Sancho I sobe ao trono.
1211	Morre d. Sancho I e D. Afonso II ocupa o trono de Portugal.
1223-1279	Morre D. Afonso II, e D. Sancho II herda o trono. Com sua morte, D. Afonso III sobe ao trono, continuando a tarefa de seus antepassados, até que a tomada de Algarves completa o mapa de Portugal tal como é hoje conhecido. Ele passa a residir por mais tempo em Lisboa, para onde transfere gradualmente os serviços públicos.
1385-1415	Uma crise dinástica e os esforços de Castela - que por essa altura absorvera o Reino de Leão - por retomar sua antiga possessão têm como consequência o surgimento da dinastia dos Avises. Dom João I é o primeiro Avis que se torna monarca. Ele era filho bastardo de D. Pedro I. Tendo vencido os castelhanos em Aljubarrota, graças à ação de Nuno Álvares Pereira e o apoio dos ingleses, dá início a um longo reinado, decisivo para o futuro de Portugal, como nação imperial. Casado com uma inglesa, Dona Felipa de Lencastre, Dom João I foi pai da “íclita geração”: o navegador Infante D. Henriques, o filósofo D. Duarte e o Infante D. Pedro. O início desta dinastia coincide com o término da primeira fase do Português Arcaico, também conhecido como período do Galego-Português. A Escola de Sagres, fundada por Afonso Henriques, prepara Portugal para as grandes navegações, à busca de ouro, inicialmente rodeando a costa africana, e depois aventurando-se pelo mar oceano e descobrindo o Brasil.
1415	Tem início a expansão marítima e colonial, com a tomada de Ceuta.
1422	Substituição da Era de César pela Era de Cristo.
1424	Expedição às Ilhas Canárias sob o comando de D. Fernando de Castro.
1427	Descobrimto de parte do Arquipélado dos Açores.
1433	Morre D. João I. Sobe ao trono seu filho D. Duarte.
1438	Morre D. Duarte, seu filho D. Afonso V é menor, D. Pedro assume a regência. Inicia-se o povoamento dos Açores, cujos descendentes trariam sua fala para o Sul do Brasil, no séc. XVIII.
1441	Viagem ao Cabo Branco. Os primeiros escravos negros são trazidos a Portugal.
1443	Morre Dom Fernando, prisioneiro em Fez.
1444-1445	Viagem à Guiné, descobrindo-se o Arquipélago de Bijagós na costa da Guiné.
1450	Gomes Eanes de Zurara sucede a Fernão Lopes como cronista do Rei.
1456	Cadamosto descobre o arquipélago de Cabo Verde. O primeiro carregamento de açúcar da Ilha da Madeira chega à Inglaterra.
1462	Inicia-se o povoamento da ilha de Santiago, Cabo Verde.
1470	Descobrimto das ilhas de Fernão do Pó, São Tomé, Príncipe e Ano Bom.
1484-1486	Exploração do Reino de Benim, na atual Nigéria.
1487	Expedição de Gonçalo Eanes e Pero de Évora ao interior africano (Tucuroi e Tumbuctu). Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança.
1498	Duarte Pacheco Pereira é encarregado de dirigir uma expedição secreta às costas do Brasil e de discutir com os espanhóis a fixação da linha de Tordesilhas, cujo tratado tinha sido assinado em 1494.
1500	Descoberta do Brasil. Carta de Pero Vaz Caminha endereçada a D. Manuel, Rei de Portugal.
1501	Pedro Álvares Cabral chega a Cochim, na costa de Malabar, Índia.
1509	Diogo Lopes de Sequeira dobra o Cabo da Boa Esperança e explora a costa oriental de Madagascar, chega a Cochim, atravessa o Golfo de Bengala e chega a Malaca.
1510-1511	Afonso de Albuquerque conquista Goa. Toma Malaca e faz a primeira expedição oficial portuguesa ao Pacífico.



Você deve ter notado por esse Quadro que o nome *Afonso* está muito ligado aos primeiros tempos de Portugal. Surgiu daqui a expressão “no tempo dos afonsinhos”, sempre que se quer referir a tempos remotos.

Sob esse pano de fundo sociohistórico, várias mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas ocorreram no Latim Vulgar e no Romance Hispânico, em seu caminho para o Português Arcaico. Veja isso de perto no texto de Rosa Virgínia Mattos e Silva, “Como se estruturou a língua portuguesa”.

Os primeiros estudos históricos do Português derivavam erradamente nossa língua do Latim Culto, ou Clássico. Augusto Soromenho (1834-1878), discípulo de Alexandre Herculano, foi o primeiro a reconhecer que o Português derivava do “sermo vulgaris”, ou Latim Vulgar, no seu livro *Origem da Língua Portuguesa*, de 1867.

Chegou a hora de estudar o Português Arcaico.

6. Português Arcaico: a primeira variedade de Português que se ouviu no mundo

O Português Arcaico foi falado e escrito entre os sécs. XIII e XVI, mais precisamente, até o ano de 1540.

Se há um assunto complicado é o da datação das línguas e das fases históricas pelas quais elas passaram. Pense um pouco. A história dos povos exige datas, afinal ela é uma narrativa de eventos que se dispõem na linha do tempo. Até aí tudo bem. O problema é que na história das línguas só podemos datá-las através de documentos nos quais elas apareçam escritas. Ora, quando uma dada língua chega a ser escrita, é por que já vinha sendo falada há muito tempo! Há quanto tempo? Impossível saber. De modo que vamos olhar estas datas todas com um pé atrás, entendendo que elas são aproximativas.



Neste quadro de dificuldades, diversos autores têm trabalhado com a hipótese de que o Português surgiu quando se deixou de escrever documentos no Romance do Noroeste da Península, adotando-se a língua que decerto já vinha sendo falada há tempos. Ora, isso se deu por volta de 1200, talvez um pouco antes, isto é, entre o séc. XII e o séc. XIII. Logo, podemos dizer – até que se descubram documentos mais antigos – que o Português se formou nessa data, e que portanto já existe há 800 anos. Velhinho, hein? Pois não é não. O Francês é pouco mais de três séculos mais velho, e o Castelhana existe desde 900 e tal. Imagine então a idade das línguas da Índia, da China e do Japão!

Se você quiser ver o quanto se tem quebrado a cabeça para datar o Português e reconhecer suas fases históricas, leia Mattos e Silva (1994). Segundo essa autora, o Português Arcaico passou por duas fases: a primeira fase, também conhecida como a do Galego-Português, vai de 1100 a 1350; a segunda fase vai desta data até 1540.

6.1 Primeira fase do Português Arcaico: o Galego-Português (1100-1350)

Os primórdios do Galego-Português coincidem com a criação do Reino de Portugal. Tanto um fato quanto outro decorrem das correrias e ações guerreiras promovidas pela Reconquista. Enquanto o Reino se consolida, o Galego-Português vai ocupando os novos territórios, deslocando-se do Norte para o Sul. Essa língua românica foi adotada pelos moçárabes, pelos muçulmanos que tinham permanecido na península, e por outros contingentes que desciam do Norte para ocupar as terras abandonadas pelos árabes.

Os primeiros documentos escritos na Língua Portuguesa aparecem no séc. XIII: o Testamento de Afonso II (1214), de que se conhecem várias versões, e a Notícia de Torto (cerca de 1214). Você encontrará esses dois textos no Vínculo 2 deste Portal.

Esses primeiros documentos são diplomas reais, diplomas particulares, leis locais e leis gerais. Língua literária mesmo ocorreria, igualmente no começo desse século, com a



extraordinária floração da poesia lírica, reunida nos cancioneiros: Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana, Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Três categorias de poesia são recolhidas nesses cancioneiros: (1) as cantigas de amor, de inspiração provençal, em que fala o homem, (2) as cantigas de amigo, mais populares, em que fala a mulher, e (3) as cantigas d'escarnho e mal dizer, poemas satíricos, habitualmente grosseiros.

Segundo Castro (1991: 185), esses documentos foram escritos em duas áreas territoriais: a primeira área corresponde a Galiza e o noroeste de Portugal, até o rio Mondego, área em que os árabes não conseguiram fixar-se; a segunda área, menos povoada porém mais extensa, administrada pelas ordens militares, compreende o nordeste e o resto de Portugal, ao sul do Mondego.

Entretanto, em documentos do final do séc. IX já encontramos “palavras portuguesas”, isto é, palavras que mostravam características dessa língua, tais como *elemosias*, em lugar de *elemosinas*, *moásticas* em lugar de *monásticas*, etc. Lembre-se do que já foi aqui dito sobre a precariedade das datações linguísticas.

6. 2 Segunda fase do Português Arcaico (1380-1540)

A transição do Galego-Português para o Português Arcaico se deu “por volta de 1350”. Vamos insistir em que os períodos lingüísticos não coincidem com as datas do calendário civil, visto que os períodos de mudança lingüística se interpenetram. Antes e depois dessa data o Galego-Português ainda existia, e a segunda fase do Português Arcaico já teria aparecido. Assim, as datas aqui indicadas são meramente aproximativas, inclinando-se muitos a considerar que a Carta de Caminha, escrita em 1500, finaliza o período medieval do Português.



O Reino de Portugal consolida-se cada vez mais no sul. Em 1255 D. Afonso III instala-se em Lisboa, e o centro cultural e político passa a girar em torno de Lisboa e Coimbra. Em 1290 funda-se a Universidade de Lisboa, transferida para Coimbra em 1308. Já no séc. XII, a fronteira do Reino de Leão e Castela isola a Galícia de Portugal. O isolamento se acentua no séc. XIV, o Galego-Português sofre alterações lingüísticas, separando-se do Português. Entretanto, mesmo separadas, ainda hoje as duas línguas são de fácil intercompreensão.

Muito próximo do Galego desde o passado longínquo, o Português entretanto sempre se diferenciou do Castelhana, como se pode ver pelo Quadro-resumo a seguir.

Diferenças entre o Português e o Castelhana

LATIM VULGAR	PORTUGUÊS	CASTELHANO
TRATAMENTO DAS VOGAIS		
<i>Metus</i>	<i>Medo</i> : conserva a vogal <i>e</i> .	<i>Miedo</i> : ditonga a vogal <i>e</i> .
<i>Januariu / Januairu</i> (= variantes de <i>Janus</i> , o deus de duas frentes)	> <i>Janeiro</i> (= o mês de duas frentes, uma que “olha” para o passado e outra que “olha” para o futuro): mantém o ditongo <i>ai</i> , transformando-o em outro ditongo, <i>ei</i> .	> <i>Enero</i> : perde o ditongo, transformando <i>ai</i> do Latim em <i>e</i> .
<i>Auru, paucu</i>	> <i>Ouro, pouco</i> : mantém o ditongo, transformando-o em outro ditongo, <i>au</i> > <i>ou</i>	> <i>Oro, poco</i> : perde o ditongo, mudando <i>au</i> do Latim em <i>ou</i> e depois em <i>o</i> .
<i>Portu</i>	> <i>Porto</i> , dito [portu]: mantém o <i>o</i> e o <i>-u</i> final.	<i>Puerto</i> : ditonga o <i>o</i> e transforma <i>-u</i> em <i>-o</i> .
TRATAMENTO DAS CONSOANTES		
<i>Lana, bonu, vinu</i>	> <i>lã, bom, vinho</i> : perde o <i>-n-</i> intervocálico, e se surgir um hiato formado por vogal nasal + vogal oral, como em <i>v~io</i> , desenvolve a consoante [ɲ].	> <i>lana, bueno, vino</i> : mantém o <i>-n-</i> intervocálico.
<i>Plaga, clave, flamma</i>	<i>Chaga, chave, chama</i> : os grupos consonantais iniciais <i>pl-</i> , <i>cl-</i> , <i>fl-</i> são palatizados em <i>ʃ</i> .	<i>Llaga, llave, llama</i> : esses grupos consonantais também são palatizados, porém dão origem a <i>ʎ</i> .
<i>Plumbum, palumba</i>	<i>Chumbo, pomba</i> : mantém o grupo <i>mb</i> .	<i>Plomo, paloma</i> : perde o grupo <i>mb</i> .



7. Quando ocorreu o reconhecimento do Português como uma nova língua?

Levou tempo para que se tomasse consciência do Português como uma nova língua. Tiveram importância nesse ofício duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais. Escreviam ali fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária.

Constituída essa consciência lingüística, passamos ao século XVI, quando o debate hoje rotulado como “a questão da língua”, além da publicação das primeiras gramáticas e dicionários, focalizaram a importância do Português, sua expansão e sua oposição ao castelhano.

Gramáticos portugueses dos séculos XVI e XVII proclamam as virtudes da língua pátria, capaz de veicular quaisquer tipos de sentimentos e arrazoados. Eles se opunham àqueles que julgavam as línguas românicas veículos toscos, insuficientes para as altas criações do espírito. E aqui entra Camões, com seus célebres versos

*E na língua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a Latina (Lus. I, 33)*

A ninguém passou despercebida a relação entre a expansão do Império e a Língua Portuguesa, que seria levada aos quatro cantos do mundo. Escritos evidenciam essa percepção, como se pode ler nos primeiros gramáticos, um dos quais, João de Barros, escreveu as *Décadas da Ásia*, em que trata igualmente do assunto.

Paralelamente a isso, diversos autores portugueses “castelhanizam”, não por uma suposta inferioridade da Língua Portuguesa, mas por ser a castelhana culturalmente mais importante e de maior penetração. Esse sentimento da Língua Portuguesa como



culturalmente menos importante levou Fernão de Oliveira a pregar sua propagação, pois são os homens que fazem a língua, e a valorizar a clareza de sua pronúncia, argumento que se tornou tópico. João de Barros, por sua vez, aconselha o policiamento da língua pelo uso, conceito que tomou de empréstimo a Cícero.

Clarificada e assente a necessidade de cultivá-la, surgem no século XVII os estudos de Duarte Nunes de Leão (*Origem da língua portuguesa*). Nos anos setecentos, o binômio Português-Castelhano é complicado com o equacionamento do problema do Galego. O padre beneditino Feijóo, de origem galega, reclama a inclusão do Português e Galego, entidades indistintas, no seio da família românica. Lembre-se que até então, por um critério arbitrário, apenas o Espanhol, o Italiano e o Francês eram aí compreendidos. A atitude de Feijóo foi também uma resposta aos gramáticos castelhanos que reduziam o Português a um subdialeto, uma vez que o derivavam do Castelhano. Ressurgem então as apologias da Língua Portuguesa, que já tinham comido muito pó na estrada, no séc. XVI.

Dois fatos poriam fim à querela suscitada pelo binômio Português-Castelhano: a independência portuguesa em 1640 e a atitude de Verney no século XVIII, propugnando o enriquecimento da língua através da adoção de neologismos, a fuga à imitação servil dos clássicos, e o abandono da roupagem barroca espanhola que sufocava o idioma escrito. Era o racionalismo iluminista que derrocou o princípio da autoridade e estimulou estudos mais aprofundados da língua.

Na fase final do século XVIII a Arcádia Lusitana propõe o Francês como exemplo, movendo a cultura portuguesa de uma sujeição para outra. O fluxo gaulês se avoluma, provocando o renascimento da questão da língua. A Academia Real das Ciências arvora-se em defensora da pureza do idioma (donde o glossário de francesismos do Cardeal Saraiva), propondo uma volta aos clássicos de quatrocentos e quinhentos.



Finalmente, o Romantismo vem encontrar os gramáticos atentos ao gênio da língua e ao papel do povo em sua elaboração. Já agora a questão da língua é entregue à ciência, personificada em Francisco Adolfo Coelho, fundador da Linguística Portuguesa. A história da língua passa a incorporar a língua não escrita. E nisto estamos.

8. Primeiras gramáticas do Português

- 1536 – Fernão de Oliveira, *Grammatica da Lingoagem Portugueza*
- 1540 – João de Barros, *Grammatica da Lingua Portugueza*
- 1574 - Pero de Magalhães de Gândavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever a hortografia da língua portuguesa com um diálogo que adiante se segue em defesa da lingua portugueza*
- 1576 – Duarte Nunes de Leão, *Orthographia*
- 1606 – Duarte Nunes de Leão, *Origem da Lingoa Portugueza*
- 1619 – Amaro de Reboredo, *Methodo Grammatical para todas as Lingoas*
- 1631 – Álvaro Ferreira de Vera, *Breves Louvores da Lingua Portugueza*
- 1721 – Jerônimo Contador de Argote, *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*
- 1736 – Luís Caetano de Lima, *Ortografia*
- 1739 – João de Madureira Feijó, *Ortografia*
- 1746 – Verney, *Verdadeiro Methodo de Estudar*
- 1782 – Jerônimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*.



9. Principais dicionários do Português

- 1562 – Jerônimo Cardoso, *Dicionario Lusitânico – Latino*.
- 1611 – Agostinho Barbosa, *Dicionario Lusitânico – Latino*.
- 1634 – Bento Pereira, *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanum et Castelhanum*.
- 1647 – Bento Pereira, *Tesouro da Lingua Portuguesa*.
- 1712-1728 – Dom Rafael Bluteau, *Vocabulario Português e Latino*, 10 volumes.
- 1789 – Morais e Silva, *Dicionario da Lingua Portuguesa*. Autor brasileiro, compôs o melhor dicionário para o estudo do Português Clássico.
- 1789 – Frei João de Sousa, *Vestígios da língua arábica em Portugal*, ou *Lexicon Etimológico das palavras e nomes portuguezes que têm origem arábica*.
- 1789-1799 – Frei Joaquim de Santa Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*, 2 volumes.
- 1888 – A. J. de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.
- 1888 – Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*; 3ª. ed. 1948, 4ª. ed. 1958.
- 1889 – Visconde de Beaurepaire Rohan, *Dicionário de Vocábulo Brasileiros*.
- 1900-1901 – Antonio Augusto Cortesão, *Subsídios a um dicionário completo (histórico-etimológico) da Língua Portuguesa*.
- 1906 – Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portuguezes*.
- e 1921 – Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, 2 volumes.
- – Sebastião Rodolfo Dalgado, *Influências do Vocabulário português em línguas asiáticas*.
- 1932 e 1952 – Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico*, primeira parte, Nomes comuns. *Dicionário Etimológico*, segunda parte, Nomes próprios.
- 1940 – Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, *Vocabulário Ortográfico da Academia das Ciências*.
- 1956-1959 – José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico*, 2 volumes.
- 1982 – Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*.
- 1986 – Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.
- 2001 – Antônio Houaiss, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.
- 2002 – Francisco da Silva Borba, *Dicionário de Usos do Português do Brasil*.

Para mais informações, consulte o verbete *Linguística*, escrito por Jacinto do Prado Coelho para o *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, 3 volumes, por ele organizado.

10. Mas como era mesmo esse Português Arcaico?

Descrições recentes do Português Arcaico são encontradas em Mattos e Silva (1989, 1991, 1994), Castro (1991), Maia (1994: 42-43), entre outras obras.

No quadro a seguir são reunidas as principais diferenças entre o Português Arcaico da primeira e da segunda fases. Você poderá aumentar esse quadro, simplesmente lendo e anotando textos escritos nos dois primeiros momentos de nossa língua, disponibilizados neste Portal. E como falante do Português Brasileiro, observe o vocabulário, a fonética e a morfossintaxe da segunda fase, comparando os dados assim recolhidos com a língua que falamos hoje em dia no Brasil. Você vai ter algumas surpresas!

Características do Português Arcaico

PRIMEIRA FASE	SEGUNDA FASE
Fonologia	
Quatro fonemas sibilantes, sendo dois predorsoalveolares /s/, /z/ mais dois apicoalveolares /ʃ/, /ʒ/.	Redução para dois fonemas sibilantes predorsoalveolares /s/, /z/.
Surgimento de hiatos dada a queda de consoante intervocálica: <i>sigillu</i> > <i>seello</i> , <i>fide</i> > <i>fee</i> , <i>medesmo</i> > <i>meesmo</i> , <i>tenere</i> > <i>teer</i> .	Crase das vogais do hiato: <i>selo</i> , <i>fê</i> , <i>mesmo</i> , <i>ter</i> .
Perda da consoante nasal intervocálica e surgimento de vogais nasais finais: <i>-ane</i> > <i>am</i> (<i>cane</i> > <i>cam</i>), <i>-one</i> > <i>om</i> (<i>sermone</i> > <i>sermom</i>), <i>-onu</i> > <i>om</i> (<i>bonu</i> > <i>bom</i>), <i>-unt</i> > <i>om</i> (<i>fecerunt</i> > <i>fezerom</i>)	Simplificação dessas nasais finais, com predominância da vogal <i>-om</i> , que muda para <i>-ão</i> , como em <i>cão</i> , <i>sermão</i> , <i>fizeram</i> , <i>bão</i> , esta uma forma curiosamente não aceita na língua culta.
Morfologia	
Palavras em <i>-or</i> e <i>-es</i> são uniformes quanto ao gênero: <i>hum</i> / <i>hua pastor português</i>	Regularização dessas palavras, que passam a receber <i>-a</i> para a marcação do feminino: <i>hua pastora portuguesa</i>
Participios dos verbos em <i>-er</i> terminam por <i>-udo</i> : <i>teúdo</i> , <i>sabudo</i> .	Esses participios passam a terminar em <i>ido</i> : <i>tido</i> , <i>sabido</i> . A forma <i>teúdo</i> sobrevive em <i>conteúdo</i> .
Manutenção do /d/ no morfema número-pessoal <i>-des</i> , como em <i>amades</i> , <i>fazedes</i> .	Perda desse fonema, surgindo hiatos, tais como em <i>amaes</i> , <i>fazees</i> , ditongados posteriormente.



	Manutenção em verbos monossilábicos: <i>ides, vindes, pondes.</i>
O pronome possessivo tem formas tônicas (<i>meu / minha, teu / tua</i>) e átonas (<i>ma, ta, sa</i>)	Desaparecem as formas átonas.

11. Amostras do Português Arcaico

Procure amostras do Português Arcaico no Portal da Língua Portuguesa. Consultando uma boa história da Literatura Portuguesa, identifique outros autores e textos, e divirta-se vendo como era nossa língua “no tempo dos afonsinhos”.

Leia inicialmente a *Notícia de Torto*, e depois algumas Cantigas d’amor, cantigas d’amigo e cantigas de mal dizer – só para ver, neste caso, como a maledicência corria solta entre nossos antepassados.

Depois, leia algumas narrativas, como a **Demanda do Santo Graal e esta amostra da Crônica Geral de Espanha**, edição crítica do texto português por Luís Felipe Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1954, vol. II, pág. 126. O interesse em ler este texto está em que você leu Júlio César diretamente no Latim. Olhe o que aconteceu com esse texto durante a fase medieval de nossa língua.

A Crônica Geral de Espanha foi escrita no século XIV. Luís Felipe Lindley Cintra editou a obra em 4 volumes. O trecho selecionado pela Linha do Tempo levará você de volta ao livro de Júlio César, *De Bello Hispaniense*, pois escolhemos da Crônica parte do Cap. 80, intitulado *Como Julyo Cesar foi aas Spanhas contra os filhos de Pompeo que andavam aló*. Achou esquisito esse *aló*? Pois é, naqueles tempos as expressões locativas eram mais completas que hoje. Havia *aqui, ali, e acó, aló*. Que tal você sair por aí usando essas formas? Procure entender nos livros sobre Português Arcaico acima indicados (naqueles tempos se diria “*suso indicados*”) as palavras que causarem estranheza. Você está tendo um primeiro encontro com os *arcaísmos*.



“Depois que Julyo Cesar venceu a grã batalha de Tasalia, onde se perdeu Pompeo, e os feytos que fez no Egipto e nas terras que sojugou e meteu sob o seu poderio, e tornou-se para Roma muy honrrado, como aquel a que todo o mundo em aquel tempo era so (= sob) seu senhorio e todos lhe obedeciam.

Os filhos de Pompeo, que scaparon da batalha, veheronsse pera as Spanhas e apoderaronsse dellas e ajuntavã a sy muytas gentes. E, quando o soube Julyo Cesar e que ouve ordenado daquella vez ena cidade de Roma aquello que teve por bem com o senado, fuisse logo pera as Spanhas cõtra os filhos de Pompeo, que alló andavã. E, des o dia que sayu de Roma, tanto andou, que em dez e sete dias foy na cidade de Segonça, por hyr apressa sobre seus inmiigos a deshora. E soube novas (= teve notícias) dos filhos de Pompeo, hu erã (= onde estavam), e foy logo contra elles e contra outros dous pryncipes que eram com elles, Lubio e Acio Varo, que eram hy por caudees cõ aqueles dous filhos de Pompeo”.

12. Novas perguntas

- Que faço para saber se meu nome é pré-romano, romano ou pós-romano, supondo-se que ele tenha uma dessas derivações?
- As palavras que herdamos dos povos não-latinos são vitais em nosso dia-a-dia?
- Os Cruzados agiram isoladamente na retomada das terras ibéricas aos árabes, ou eles se integrariam em alguma organização maior?
- Os textos medievais às vezes são difíceis de entender. Que devo fazer para facilitar minha leitura deles? Que importância isso tem?

13. Bibliografia para aprofundamento

2. Sobre a Ibéria romana, ler Baldinger (1962).
3. Sobre o Latim Vulgar, veja Silva Neto (1950), Maurer Jr. (1959), Ilari (2004).
4. Sobre as contribuições lexicais dos povos pré e pós-romanos, consulte Gamillscheg (1932), Piel (1933, 1942), Maurer Jr. (1952), Meier (1962), Lapesa (1968), Silva Neto (1952-1957 / 1979).



5. Sobre os árabes na Península Ibérica, ver Souza (1830), Dozy / Engelman (1915), Steiger (1932), Asín Palacios (1940), Machado (1952), Herculano de Carvalho (1968).
6. Sobre a história da língua portuguesa, ver Silva Neto (1952-1957 / 1979), Teyssier (1982), Castro (1991).
7. Sobre o português arcaico, ver Mattos e Silva (1991, 1993).

14. Glossário

Texto: Formação da Europa Latina (390 a.C. – 124 d.C) (Link1)

- Românica Velha - Designação alternativa para Europa Latina. Partes da Europa em que se desenvolveram as línguas românicas.

Texto: Diz aí, como era mesmo esse Latim Vulgar? (Link3)

Método histórico-comparativo - Ramo da Linguística voltado para a reconstrução de estágios linguísticos insuficientemente documentados, mediante a análise de indícios por eles deixados ou de suas línguas-filhas.